

História do futebol em São Paulo. O pioneirismo de Antonio Figueiredo na produção literária paulistana sobre o futebol (1918-1919).

João Paulo Strepco

Mestre em História Social – FFLCH/USP

Ao longo das duas últimas décadas, o interesse acadêmico pelos esportes ampliou-se, em especial pelo futebol. Dentro dos desdobramentos da chamada *Nova História Cultural*, alguns estudos sobre o futebol foram produzidos em faculdades e universidades, por todo o Brasil. Mas o que aparece nos meios acadêmicos como inovação, pode ser compreendido como a retomada de uma produção pré-acadêmica. Desde a década de 1910, livros publicados por jornalistas e aficionados pelo esporte se propuseram a relatar a sua história na cidade de São Paulo, construindo uma estrutura narrativa que se transformou em paradigma ao longo do século XX.

Alguns autores definiram esse tipo de literatura como literatura apaixonada (NEGREIROS, 1992, p.108) ou como memória (DEL PRIORE & MELLO, 2009, p.10), pois além de não apresentarem os procedimentos científicos da historiografia acadêmica, em algumas ocasiões, celebravam a trajetória de equipes de futebol específicas. Entendemos que a produção de tal tipo pode ser classificada de pré-acadêmica, mas não deve ser relegada ou apropriada sem créditos.

Dentro dessa literatura, podemos destacar duas obras publicadas em São Paulo, por seu pioneirismo na produção sobre o futebol na cidade: *O foot-ball em São Paulo. Notas crítico-biográficas dos principaes jogadores paulistas antigos e modernos*, escrita por Leopoldo Santanna, e *História do Foot-ball em São Paulo*, escrita por Antonio Figueiredo.

Os autores mencionados atuaram como cronistas esportivos nos periódicos *O Estado de S. Paulo* e *A Gazeta*, nas primeiras décadas do século XX. Ao acompanharem o cotidiano futebolístico de perto, conseguiram estabelecer contatos com os jogadores,

dirigentes e torcedores do período, que lhes serviram de fonte de informação, além de fundarem um estilo de *cobrir* os eventos futebolísticos.

Por atuarem como historiadores, periodistas e/ou cronistas, foram fundamentais na construção de um imaginário elitista sobre o futebol praticado na cidade de São Paulo, ao longo das primeiras décadas do século XX. Conhecer os procedimentos adotados por esses autores pode contribuir para o estabelecimento de novas interpretações sobre como a prática do futebol se disseminou na cidade de São Paulo, no início do século XX, e como uma determinada memória se institucionalizou, em detrimento de outras.

Este trabalho tem como proposta apresentar e discutir um desses livros pioneiros sobre futebol que foi publicado em São Paulo pelo periodista Antonio Figueiredo, editado pelo *O Estado de S. Paulo*, em 1918, com o título de *História do foot-ball em São Paulo*, por ocasião do Campeonato Sul-Americano da categoria, que deveria ocorrer naquele ano, no Brasil. Ao longo do século XX, essa publicação serviu de referência para outros livros sobre a história do futebol, como o publicado por Thomaz Mazzoni, em 1950, por ocasião da Copa do Mundo no Brasil, intitulado *História do Futebol no Brasil*, ou o publicado por Rubens Ribeiro, em 2002, por ocasião do centenário do Campeonato Paulista, intitulado *Caminhos da Bola*.

História, memória e narrativa

Em sua obra *A pesquisa histórica. Teoria e método*, o historiador espanhol Julio Arostegui afirma que a compreensão de uma História como ciência por parte dos historiadores foi difícil, mesmo depois da profissionalização ocorrida ao longo dos séculos XIX e XX. O autor defende que a historiografia nunca se desvinculou completamente da tradição *cronística*, da descrição narrativa e da ausência de preocupação metodológica (AROSTEGUI, 2006, p.41), e, ao citar o historiador britânico Raphael Samuel, sugere que os historiadores não costumam realizar uma exposição geral de seus objetivos, exceto quando exigidos por uma conferência ou contexto semelhante (AROSTEGUI, 2006, p.41).

Seguindo o raciocínio, indica que o método histórico não é um patrimônio exclusivo de historiadores, mas que os esforços relacionados com a profissionalização

da atividade e a transformação da História em conhecimento científico, promoveram uma mudança substancial em relação à tradição *cronística*, a despeito de todas as dificuldades já mencionadas.

Para o historiador espanhol, um aspecto parece manter-se intacto tanto na tradição *cronística* quanto na científica. Trata-se da função instrumental que a atividade desenvolveu ao longo dos anos, quase sempre a serviço do poder, em hipótese alguma praticada de forma *desinteressada* e sempre ligada à elite dominante, à nação e ao Estado (AROSTEGUI, 2006, p.43).

Por essa razão, ao longo das últimas décadas, diversos pesquisadores se debruçaram sobre obras historiográficas e as transformaram em fontes documentais importantes. Inclusive, escritos circunstanciais, normalmente empenhados em defender uma causa política, que apelam à reconstrução da História em busca de legitimação, e não apenas obras originais, frutos de pesquisas inéditas, mas também textos de natureza jornalística, biográfica e didática, definidas por Maria de Lourdes Mônaco Janotti como manifestações historiográficas (JANOTTI, 2007, p. 120), se transformaram em objeto de análise historiográfica.

A percepção que obras historiográficas eram testemunhos de uma época, e, portanto, fontes históricas, obrigaram a adoção de procedimentos metodológicos aplicáveis a cada um desses tipos de produção (JANOTTI, 2007, p. 120) pelos historiadores que se dedicaram a essas pesquisas. Primeiro, porque como sugere Marc Bloch, existem pelo menos dois tipos de testemunhos sobre o passado: aqueles concebidos deliberadamente com a intenção de legar algo para a posteridade, e indícios que não foram premeditados para esta finalidade. Indica que obras de história-narração fazem parte do primeiro grupo e as considera testemunhos importantes sobre o passado. Mas indica que o historiador deve se precaver com as informações contidas em narrativas construídas como história por possuírem determinadas deformações decorrentes da intenção de legar uma informação para a posteridade (BLOCH, 2002, p. 77).

Ao longo do século XX, diversos autores que estudaram a questão do futebol em São Paulo, fizeram da obra de Figueiredo a principal fonte de informação para o período

abarcado na publicação (1902 – 1918), ou a transformaram em um modelo paradigmático em sua forma, por indicar resultados e tabelas dos Campeonatos Paulistas, desde 1902 até 1917. Citamos Thomaz Mazzoni, em 1950, em sua obra *História do futebol no Brasil*, e Rubens Ribeiro, em 2002, em sua obra *Os caminhos da bola*, como exemplos. Por tudo que apontamos anteriormente, sugerimos que o trabalho de Figueiredo influenciou a construção de uma memória e tradição, com a qual ainda não conseguimos romper em nossas pesquisas acadêmicas.

Com a análise de *História do Foot-ball em São Paulo*, buscaremos identificar algumas das informações que o autor não nos disse intencionalmente, mas que podemos encontrar nas entrelinhas do texto. Tentaremos encontrar aquilo que Bloch definiu como *deformações* para indicar novos caminhos para a análise desta preciosa fonte. É preciso salientar que ao propor o estudo da obra de Figueiredo, não queremos simplesmente anular todo esse referencial construído ao longo do século XX sobre a história do futebol, que sabemos ter muita importância, mas apenas sugerir novos referenciais que podem ser articulados de diversas maneiras, levando em consideração as informações apresentadas pelo autor.

Sobre a obra

Ao sugerirmos que o livro *História do Foot-ball em São Paulo* tornou-se uma obra paradigmática, precisamos indicar que sua morfologia foi referendada por diversos autores, que ao longo do século XX, além de publicarem narrativas, indicaram tabelas completas com aquilo que os simpatizantes do futebol costumam chamar de fichas dos jogos e campeonatos: resultados de partidas, autoria dos gols, colocação das equipes nos campeonatos entre outras informações consideradas relevantes.

No livro de Figueiredo, a disposição das informações obedece à seguinte ordem: apresentação, capítulo dedicado à introdução dos esportes em São Paulo pelos britânicos, outro com o histórico dos *principais clubes* da época como São Paulo Athletic Club, A. A. Mackenzie College, Sport Club Internacional, Sport Club Germânia, C. A. Paulistano e A.A. das Palmeiras, outro de como se deu a fundação da Liga Paulista, tabelas com os resultados dos campeonatos de 1902 a 1912, outro capítulo com a visita de times estrangeiros, outro dedicado à criação da Liga Paulista de

Futebol e a reunificação por meio da Associação Paulista dos Esportes Atléticos, outro dedicado ao período contemporâneo à publicação do livro, onde se inserem os históricos de fundação dos times que foram definidos por *novos* como Sport Club Americano, Club Atlético Ypiranga, Sport Club Corinthians Paulista, Minas Gerais Football Club, Santos Football Club, A. A. São Bento e Palestra Itália e outro sobre as disputas contra as equipes cariocas.

Entretanto, além da morfologia adotada pelo autor e dos temas elencados, as informações indicadas ao longo do texto servem ainda hoje como as principais referências para aqueles que estudaram ou estudam futebol no período abarcado pelo livro.

História do Foot-ball em São Paulo apresenta algumas características que o diferenciam do álbum montado por Marcos de Mendonça Carneiro e utilizado por Mário Filho como fonte de inspiração para *O negro no futebol brasileiro*. Não se trata dos relatos de memória ou recortes de jornais e fotografias montados por um ex-jogador, mas obra histórica produzida por um jornalista com as características que as obras historiográficas apresentam e que já mencionamos anteriormente. Por essa razão, algumas situações encontradas no texto, chamam a nossa atenção.

A primeira consideração relevante para nossa discussão é que o autor estabelece o período entre o fim do Império e início da República, como o momento de difusão dos esportes em São Paulo. Na apresentação de *História do Foot-ball em São Paulo*, Antonio Figueiredo propõe uma clivagem geracional entre os jovens do período imperial que estudavam na Faculdade de Direito e se dedicavam à literatura e ao jornalismo político e panfletário, e os jovens das primeiras décadas do período republicano, formados em outras instituições além da Faculdade de Direito, como Faculdades de Medicina ou de Engenharia, que se dedicavam à prática de diversas modalidades esportivas ao ar livre, em especial, o futebol (FIGUEIREDO, 1918, p.4).

A explicação apresentada pelo autor para este fenômeno, inspirada em depoimento de Reinaldo Porchat que definia a cidade de São Paulo do período anterior como uma grande república de estudantes, se relaciona com o desenvolvimento comercial e industrial de São Paulo, desde a Proclamação da República.

O segundo aspecto da exposição de Figueiredo a nos chamar a atenção diz respeito à propagação do esporte entre os moradores da cidade. Segundo o autor, o papel das escolas foi fundamental para a propagação do futebol na cidade, inclusive entre os grupos mais humildes, que transformaram as várzeas da cidade em *stadiuns* (FIGUEIREDO, 1918, p.4). Indica que no momento em que escreve o livro (1918), o futebol é um verdadeiro delírio entre os habitantes de São Paulo e que os jogadores gozam de maior reputação que qualquer homem letrado da cidade (FIGUEIREDO, 1918, p.4).

O terceiro fator interessante em sua obra é a maneira como Charles Miller e a introdução do futebol em São Paulo são citados. “*Só muito mais tarde, em 1894, é que vagamente se falava em foot-ball (sic). Aportou ao Brasil, o Sr. Charles Miller, que, sendo notável jogador em seu país (sic), trouxera consigo (sic) duas bolas, de certo para matar saudades*” (FIGUEIREDO, 1918, p. 10). Aparentemente, para Figueiredo, Charles Miller era um imigrante britânico, e não um filho de imigrantes nascido em São Paulo.

É nessa parte que descobrimos que no período imperial, os esportes não interessavam aos brasileiros de qualquer classe social, sendo então, uma atividade restrita aos imigrantes ingleses que estavam em São Paulo por trabalho, sem, contudo, procederem à fundação de clubes ou organização de ligas, pois eram pouco numerosos.

O quarto fator que nos interessa é a construção de uma narrativa pré-fundação da Liga Paulista de Futebol (1902) que indica como os clubes que a fundaram, foram criados nos anos e meses que antecederam a sua criação. E outra para os clubes que surgiram após a fundação da Liga, sendo que apenas aqueles que se filiaram a ela são mencionados, como se outros clubes não tivessem sido fundados na mesma época, sem ingressarem na LPF.

Assim, denomina de *principaes clubs (sic)* aqueles que participaram da fundação da Liga: S. Paulo Athletic Club, A. A. Mackenzie College, S. C. Internacional, S. C. Germânia, C. A. Paulistano e A.A. das Palmeiras (FIGUEIREDO, 1918, p. 13 – 30). E de *clubs (sic) novos*, aqueles que surgiram depois da fundação da LPF e que dela ou da APEA fizeram parte: S. C. Americano, C. A. Ypiranga, S. C. Corinthians Paulista,

Minas Geraes F. C., Santos F. C., A. A. São Bento e Palestra Itália (FIGUEIREDO, 1918, p. 83 – 96).

Não há qualquer referência em sua obra sobre a história do futebol de São Paulo sobre os clubes de futebol que não participaram da Liga ou que fundaram ligas alternativas à LPF e à APEA. Se pensarmos que seu livro se transformou em fonte histórica e memória de um determinado período, podemos pensar que a obra ajudou a criar uma memória relacionada à idéia de que apenas os jovens que freqüentavam os gramados do Velódromo Municipal, todos eles de origem elitista, gostassem, se interessassem ou praticassem o futebol.

Apenas, nas entrelinhas é que descobrimos que “*nas geraes (sic), a raia miúda expandia-se a vontade, com exclamações grotescas e ditos ferinos*” (FIGUEIREDO, 1918, p. 78), e que a população mais pobre da cidade já se interessava pelo futebol.

E ainda assim, a forma como o autor se refere à *raia miúda*, difere da maneira em que descreve as reações das famílias que freqüentavam a área destinada aos abastados. “*Não havia meias medidas: abolia-se a sobriedade, e, por vezes, a compostura. Famílias das mais distinctas (sic) requintavam na gritaria, clamando, implorando, incitando os jogadores*” (FIGUEIREDO, 1918, p. 78).

Aparentemente, todos os grupos sociais se interessavam, compreendiam e se emocionavam com as partidas disputadas no Campeonato Paulista, em especial, nas partidas de desempate que decidiam os torneios. Ainda nas entrelinhas do texto, podemos sugerir que a apropriação do futebol pela população paulistana ocorreu concomitantemente entre todos os grupos sociais pela atuação das escolas.

Por intermédio do texto de Figueiredo conseguimos identificar as estratégias narrativas utilizadas pelo autor, que contribuem para a construção de um imaginário que liga o futebol ao elitismo nas primeiras décadas do século XX. Fosse por meio dos periódicos, ou por meio de livros como *História do Football Em São Paulo*, percebemos que apenas as partidas disputadas nos Campeonatos da LPF foram preservadas pela memória escrita. E nestes campeonatos, apenas os clubes fundados por jovens ricos ou de classe média alta podiam participar, graças aos sistemas excludentes praticados pelos clubes e pela própria Liga. Mas nas arquibancadas, os pobres já

estavam presentes, o que nos obriga a repensar em que medida praticavam o futebol ou não em seu cotidiano.

E aqui entra o quinto aspecto importante da obra analisada. “*É uma empresa arrojada, actualmente (sic), fazer o histórico, mesmo em resumo, dos antigos clubs (sic) de football (sic), que lançaram os alicerces do sport (sic) em nosso Estado. As fontes, a que devem recorrer os chronistas escasseam (sic). Daquellas (sic) sociedades sportivas (sic) que pareciam pujantes e ricas, não temos arquivos (sic) (excepção do Paulistano); não temos documentos, não temos papéis que nos sirvam de pista para nossa pesquisa*” (FIGUEIREDO, 1918, p. 15).

A questão de um método histórico supostamente científico não foi abandonada pelo autor, pois em diversas passagens, aponta sua preocupação com as fontes por ele utilizadas, e ao longo do texto, indica as dificuldades em produzir uma história do futebol, já naquela época, pela inexistência de arquivos produzidos pelos próprios clubes.

Logo no capítulo em que relaciona o futebol com a prática do cricket, indica “*algumas memórias antigas referem-se a um Sport, que os britannicos (sic) aqui domiciliados, costumavam praticar*” (FIGUEIREDO, 1918, p.9). Na sequência, afirma “*effectivamente (sic) percorrendo as collecções (sic) dos jornaes (sic) desses remotos tempos, além de algumas notícias mirradas e crivadas de erro, sobre os torneios realizados. No jornal A província (hoje O Estado de S. Paulo) encontramos, em 1875, no seu noticiário, esta informação interessante.*” Dentre suas fontes para uma melhor compreensão da introdução do cricket em São Paulo, estão os periódicos publicados na cidade nas décadas de 1870 e 1880.

O autor acusa a falta de documentos dos próprios clubes e procede a construção de uma história do futebol que se baseava em fontes orais de origem elitista, pois os próprios clubes, exceto o Paulistano, não construíram seus arquivos (FIGUEIREDO, 1918, p. 15). Esta situação de penúria nos arquivos, como os pesquisadores da atualidade bem sabem, também é recorrente entre os clubes populares e servem de indício de quanto era precária a organização dos clubes e ligas, mesmo a LPF e seus associados.

Além do mais, como o único arquivo sobre futebol relativamente organizado da cidade, no período, era o do Paulistano, clube fundado pelos jovens abastados da cidade, não é difícil supor que a memória ali preservada não seria aquela relativa aos grupos populares, mas à elite paulistana.

No capítulo em que se dedica a identificar a fundação da LPF, o autor menciona o desencontro entre as muitas versões correntes, a existência de diversas memórias conflitantes entre si, que lhe impediram de determinar a pessoa que teve a idéia de fundar uma Liga. Procede, então, à análise de fontes que encontra nos periódicos de 1901 e 1902, sem indicar quais eram. O termo *chronista* (sic) é citado pelo autor, para indicar a pessoa que produziu a matéria. Infelizmente, Figueiredo não identifica seu nome (FIGUEIREDO, 1918, p.32).

Considerações finais

Buscar as motivações que levaram o autor a publicar tal obra com o apoio do periódico *O Estado de S. Paulo* pode nos levar a um pensamento simplista e imediato. A proximidade do Campeonato Sul-Americano de Futebol, programado para 1918, no Rio de Janeiro, deixava a possibilidade de um jornalista que trabalhava com futebol lançar uma obra que teria algum apelo junto ao público, algo que ainda hoje é recorrente em época de Copa do Mundo.

Mas parece que isto não é tudo. Janotti sugere que o entendimento biográfico que envolve um autor nem sempre permite a plena compreensão de uma determinada obra, pois esta comporta o conjunto dinâmico das relações sociais, nem sempre conscientes para o seu próprio criador. Disso resulta que alguns livros representam uma determinada visão de mundo que não se restringem à origem social do indivíduo que o produziu (JANOTTI, 2007, p.120).

Portanto, a possibilidade de um jornalista ganhar algum dinheiro com a publicação de um livro com a história do futebol em São Paulo, em um momento de mobilização por causa de um torneio internacional não é absurda ou inverossímil. O que se coloca, é que a obra analisada apresenta uma determinada *visão* sobre a história

do futebol e que a leitura de algumas passagens nos permite desvendar aquilo que acontecia nos bastidores do futebol paulistano naquela ocasião.

No capítulo dedicado ao desenvolvimento do futebol em São Paulo, Figueiredo indica que este não foi linear. Crises coexistiram com fases de desenvolvimento e empolgação por parte dos aficionados. *“O foot-ball em São Paulo teve três phases (sic) brilhantes: a primeira, que vae (sic) de 1902 a 1904, em que se destacaram o S. Paulo Athletic e o C. A. Paulistano, a segunda, de 1909 e 1911, pertencente à A.A. das Palmeiras e ao C. A. Paulistano; finalmente, a de agora, que começou e ainda não terminou, em que se salientaram como é notório, o C. A. Paulistano e o Palestra Itália”* (FIGUEIREDO, 1918, p. 77).

E aqui encontramos pistas importantes. Ao que tudo indica, a ascensão do Palestra Itália como grande rival do C. A. Paulistano nos gramados no ano anterior, vinha acompanhado da crescente influência da comunidade ítalo-paulista nos meios esportivos da cidade.

Como o modelo competitivo implementado por um campeonato implicava no aumento das rivalidades, das brigas e confusões, que não raramente eram resolvidas com a interferência da polícia nos gramados (FIGUEIREDO, 1918, p. 131), o controle das entidades pelos clubes era muito importante. Desde 1906, os conflitos entre os clubes se avolumavam e este controle ou prestígio político junto à LPF era fundamental na solução dos problemas em favor de um ou outro clube (FIGUEIREDO, 1918, p. 129).

O próprio público que afluía aos campos e praças desportivas para assistir as partidas exigia uma maior competitividade e um melhor desempenho das equipes em campo, como o próprio autor nos indica. *“Se se pudesse hoje reunir os velhos sportsmen (Charles Miller, Ibanez, Boyes, Alvaro Rocha, Belfort) com o mesmo jogo, elles cahiriam (sic) no ridículo. O público insatisfeito como é elle atualmente, era até capaz de apupar... E – vamos lá – com carradas de razão”* (FIGUEIREDO, 1918, p. 77).

Este sistema competitivo, já naquela época, extrapolava a dimensão de lazer e entretenimento, e transformava o futebol em importante fonte de renda para seus controladores, por meio da venda de ingressos, como podemos atestar em outra parte do

livro. “Mas, os seus matches, no Parque Antarctica, não alcançavam concorrência alguma. A porta rendia uma ninharia. Os campeões, acostumados a serem apreciados por numeroso público, aborreciam-se. Os clubs (sic), não podendo sustentar-se apenas com a exígua mensalidade dos sócios, desanimavam” (FIGUEIREDO, 1918, p. 171).

Controlar o futebol, o prestígio gerado pelo esporte e suas rendas. Essa era a questão fundamental, ao que as evidências sugerem, por trás da obra de Figueiredo. Ela demarca quem era quem no futebol de São Paulo no contexto em que foi publicada, aqueles que por direito de tradição e criação da LPF (e depois APEA) teriam o direito de exercer o controle político das principais ligas da cidade.

Para resgatarmos o proposto por Bloch, como efeito *deformador*, temos a construção de uma memória que exclui a participação popular do processo de ressignificação do futebol, na cidade de São Paulo, nas primeiras décadas do século XX e a construção de um imaginário elitista acerca das práticas futebolísticas em seus primórdios.

Bibliografia

- ARÓSTEGUI, J. *A pesquisa histórica. Teoria e método*. Bauru, EDUSC, 2001.
- BLOCH, M. *Apologia da história. Ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.
- DEL PRIORE, Mary & MELO, Victor Andrade de. *História do esporte no Brasil*. São Paulo, Unesp, 2009.
- FIGUEIREDO, A. *História do foot-ball em São Paulo*. São Paulo, “O Estado de S. Paulo”, 1918.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República. (In). FREITAS, MARCOS C. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo, Contexto, 2007.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e rendição. A gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial de São Paulo (1910-1916)*. São Paulo, Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC, 1992.
- RODRIGUES FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Mauad, 2003.
- SANTANNA, L. *Notas crítico-biográficas dos principais jogadores paulistas antigos e modernos*. São Paulo, Typographia Piratininga, 1918.